Revista Brasileira de
Sexualidade Humana ISSN 2675-1194
DOI: https://doi.org/10.35919/rbsh.v36.1219

TRABALHOS DE PESQUISA

PERCEPÇÕES DO ENSINO SOBRE POPULAÇÕES LGBTQIAPN+ NA GRADUAÇÃO DE MEDICINA

PERCEPTIONS OF TEACHING ABOUT THE LGBTQIAPN+ POPULATION IN MEDICAL GRADUATION

ENSEÑANZA DE PERCEPCIONES SOBRE LAS POBLACIONES LGBTQIAPN+ EN LA PREGRADO EN MÉDICA

Sadi Bruno Freitas Santin[1] *Fernanda Clara da Silva*[1] *José Antonio da Silva Júnior*[2] *Thales Allyrio Araújo de Medeiros Fernandes*[3] *Álvaro Micael Duarte Fonseca*[2] *Ellany Gurgel Cosme do Nascimento*[4]

Resumo: Introdução: Na formação em medicina, as temáticas gênero e sexualidade são pouco abordadas, o que contribui para o desconhecimento e a disseminação do preconceito entre os profissionais de saúde em lidar com pessoas LGBTQIAPN+. Objetivo: Avaliar as percepções entre discentes e docentes de medicina da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte sobre questões de especificidades ligadas às populações LGBTQIAPN+. Metodologia: Trata-se de uma pesquisa descritiva e transversal, realizada por meio de formulários eletrônicos com discentes e docentes. Foram avaliados conhecimentos sobre conceitos das populações LGBTQIAPN+, abordagem da temática na graduação e percepções sobre preconceito. Resultados/Discussão: Observa-se que estudantes do internato autodeclarados LGBTQIAPN+ perceberam/presenciaram mais preconceitos durante a graduação em detrimento dos demais. Os dados apontam que 73% dos docentes não abordaram sobre sexualidade e gênero, mesmo 95,5% deles concordando que o assunto traz consequências positivas à prática médica. Conclusão: As percepções acerca da população LGBTQIAPN+ mostram a necessidade de ampliar o debate, visando à melhoria do processo formativo de futuros profissionais da área. Urge a necessidade de sensibilizar as universidades em busca de um currículo que agregue minorias sexuais e de gênero em seus projetos pedagógicos, para que os alunos criem as habilidades necessárias.

Palavras-chave: Acesso aos Serviços de Saúde; Educação Médica; Minorias Sexuais e de Gênero; Educação de Graduação em Medicina.

Abstract: Introduction: In medical education, topics related to gender and sexuality are rarely addressed, which contributes to a lack of knowledge and the perpetuation of prejudice among healthcare professionals when dealing with LGBTQIAPN+ individuals. Objective: To assess the perceptions of medical students and faculty at State University of Rio Grande do Norte regarding specific issues related to LGBTQIAPN+ populations. Methodology: This is a descriptive, cross-sectional study conducted through electronic questionnaires with students and faculty. Knowledge about LGBTQIAPN+ concepts, the inclusion of these topics in the undergraduate curriculum, and perceptions of prejudice were evaluated. Results/Discussion: It was observed that LGBTQIAPN+ self-identified students in clinical training perceived or witnessed more prejudice during their education compared to others. The data show that 73% of faculty members did not address sexuality and gender topics, despite 95.5% agreeing that these issues have positive implications for medical practice. Conclusion: Perceptions regarding LGBTQIAPN+ populations highlight the need to expand discussions to improve the training process for future professionals. There is an urgent need to sensitize universities to develop curricula that include sexual and gender minorities in their educational projects, enabling students to develop the necessary skills.

Keywords: Health services accessibility; Education, medical; Sexual and gender minorities; Education medical Undergraduate.

CC BY

[1]Graduação em Medicina - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Departamento de Ciências Biomédicas, Mossoró, Brasil. sadibruno@alu.uern.br; fernandaclara@alu.uern.br
[2]Mestre em Saúde e Sociedade - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Departamento de Ciências Biomédicas, Mossoró, Brasil. joseantonio.030@hotmail.com; alv.micael@gmail.com
[3]Doutora em Ciências Biomédicas - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Departamento de Ciências Biomédicas, Mossoró, Brasil. thalesallyrio@uern.br
[4]Doutora em Ciências da Saúde - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Departamento de Ciências Biomédicas, Mossoró, Brasil. ellanygurgel@uern.br

Revista Brasileira de
Sexualidade Humana ISSN 2675-1194
DOI: https://doi.org/10.35919/rbsh.v36.1219

Resumen: Introducción: En la formación médica, los temas relacionados con género y sexualidad son poco abordados, lo que contribuye al desconocimiento y a la perpetuación del prejuicio entre los profesionales de la salud al tratar con personas LGBTQIAPN+. Objetivo: Evaluar las percepciones entre estudiantes y docentes de medicina de Universidad Estatal Rio Grande do Norte sobre cuestiones específicas relacionadas con las poblaciones LGBTQIAPN+. Metodología: Se trata de un estudio descriptivo y transversal, realizado mediante cuestionarios electrónicos con estudiantes y docentes. Se evaluaron los conocimientos sobre los conceptos de las poblaciones LGBTQIAPN+, la inclusión de estos temas en la formación de pregrado y las percepciones sobre los prejuicios. Resultados/Discusión: Se observó que los estudiantes LGBTQIAPN+ autoidentificados en formación clínica percibieron o presenciaron más prejuicios durante su educación en comparación con otros. Los datos muestran que el 73% de los docentes no abordaron temas de sexualidad y género, a pesar de que el 95,5% está de acuerdo en que estas cuestiones tienen implicaciones positivas para la práctica médica. Conclusión: Las percepciones sobre las poblaciones LGBTQIAPN+ resaltan la necesidad de ampliar las discusiones, con el objetivo de mejorar el proceso formativo de futuros profesionales. Es urgente sensibilizar a las universidades para desarrollar currículos que incluyan a minorías sexuales y de género en sus proyectos educativos, permitiendo a los estudiantes desarrollar las habilidades necesarias.

Palabras clave: Acceso a servicios de salud; Educación médica; Minorías sexuales y de género; Educación médica de pregrado.

Introdução

No panorama da educação médica, ainda existe a estigmatização das pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queer, Interssexo, Assexuais, Panssexuais, Não binária, entre outras identidades de gênero e formas de sexualidade (LGBTQIAPN+), sendo desenvolvidos discursos os quais, por exemplo, são associados às condições de risco à saúde e a doenças, sem focar em aspectos específicos da saúde dessas populações (Lu *et al.*, 2022). Assim, mais uma vez, a invisibilidade sobre determinados povos contribui para o desconhecimento e, em paralelo, cria o preconceito dos profissionais de saúde em lidar com o as populações LGBTQIAPN+ (Teixeira Filho *et al.*, 2011).

A análise de Obedin-Malvier *et al.* (2011), em mais de 140 escolas médicas dos Estados Unidos e do Canadá, constatou que 44 faculdades tinham zero horas de conteúdo LGBTQIAPN+ nos anos clínicos. Ainda, apenas 24,2% dos entrevistados classificaram a cobertura geral de material curricular relacionado a esse tema de suas universidades como "boa" ou "muito boa" em uma escala Likert de cinco categorias. A maioria das escolas ensinava algumas áreas temáticas relacionadas à saúde LGBTQIAPN+ em seus currículos obrigatórios, muito poucas relataram cobrir todas as áreas necessárias. Um pequeno quantitativo de escolas relatou cobrir tópicos no currículo obrigatório relacionados à atenção primária em comunidades LGBTQIAPN+ ou cuidados específicos para pessoas trans. Um número substancial de reitores avaliou alguns desses tópicos como recebendo pouca cobertura em suas instituições.

Há um papel intrínseco da graduação na construção do pensamento sobre gênero e sexualidade, sobretudo nos cursos de medicina, havendo uma transformação não só do conhecimento, mas dos padrões morais, especialmente da habilidade de se conectar à outra pessoa, corroborando com a pesquisa de Hojat *et al.* (2009), que atribuíram aos cursos médicos a capacidade de diminuir os níveis de empatia de discentes. De acordo com os pesquisadores, os níveis de empatia durante os anos de graduação declinam de forma exponencial, principalmente durante o ciclo clínico. Com isso, pode-se inferir que assuntos ligados à saúde sexual não reprodutiva, corpos e especificidades da população LGBTQIAPN+ não possuem espaço nas discussões e no ensino de muitas faculdades, bem como no tratamento e no acolhimento de populações não binárias.

Na graduação em medicina, há uma formação sobre a qual a temática de gênero e sexualidade é marginalizada e pouca abordada, intrinsecamente fundamentada em um ensino cis-heterossexual, que pode tanto criar barreiras para o grupo LGBTQIAPN+ buscar os serviços de saúde quanto considerá-lo como desvio da norma pela sua orientação sexual e identidade de gênero, tomadas como doença (Moretti-Pires *et al.*, 2019).

Com base nisso, o presente trabalho objetivou avaliar as percepções sobre a saúde das populações

LGBTQIAPN+ entre discentes e docentes de medicina da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte sobre questões de especificidades ligadas as populações LGBTQIAPN+.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa com caráter descritivo, transversal e abordagem quantitativa. Desenvolvida no curso de graduação em Medicina da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, uma instituição pública fundada em 2004, que emprega a metodologia de ensino tradicional. A graduação de Medicina tem duração de 12 semestres, divididos em três ciclos, sendo: ciclo básico, que compreende do 1° ao 4° semestre; ciclo clínico, compreendido do 5° ao 8° semestre; e ciclo do internato do 9° ao 12° semestre, o qual compreende o estágio curricular obrigatório do curso. Os dois primeiros ciclos ocorrem principalmente nos ambientes de sala de aula, entre aulas teóricas e práticas na universidade. O último ciclo ocorre principalmente nos serviços de saúde extrauniversitário.

No momento da coleta, havia 352 discentes matriculados, do primeiro ao décimo segundo semestre, e 64 docentes ativos. Entre os discentes, foram incluídos aqueles regularmente matriculados do primeiro ao décimo segundo período do curso de graduação e excluídos os discentes afastados das suas atividades acadêmicas no momento por quaisquer motivos. Dos docentes, foram incluídos aqueles atuantes no curso de graduação de medicina e que estivessem ativos, administrando pelo menos uma disciplina. Foram excluídos docentes afastados das atividades acadêmicas por quaisquer motivos. Assim, foi realizado um convite formal para o número total de docentes e discentes, considerando-se a coleta de dados com a população total, tendo em vista que os critérios de exclusão não se aplicavam a nenhum dos sujeitos.

Para a realização da coleta, entre dezembro de 2021 e junho de 2022, foi feita uma divulgação nas redes sociais e nas salas de aula do formulário eletrônico do Google. O convite para a participação na pesquisa, enviado pelas redes sociais e divulgado presencialmente, continha o *link* para endereço eletrônico com as instruções de envio do formulário de pesquisa, informando que a qualquer momento e sem nenhum prejuízo, qualquer participante pode entrar em contato com os pesquisadores solicitando a retirada do consentimento.

O questionário aplicado contempla dados sociodemográficos, além do curso e de conhecimentos ligados à saúde LGBTQIAPN+, e foi criado com base em outra pesquisa com desenho semelhante (Moretti-Pires *et al.*, 2019).

As variáveis independentes contidas neste estudo foram: sexo (masculino; feminino), identidade de gênero (cisgênero; pessoas trans), faixa etária, renda familiar per capita (< 1 salário mínimo; entre 1 e 2 salários mínimos; >2 salários mínimos), situação conjugal (solteiro; namorando; casado/união estável), religião e orientação sexual (heterossexuais; não heterossexuais). As variáveis dependentes foram: conhecimento sobre questões referentes à população LGBTQIAPN+ (por exemplo: "saberia orientar sobre a prática do sexo seguro?"; abordagem da temática das populações LGBTQIAPN+ durante a graduação; relação da orientação sexual com preconceito e com interesse em participar de atividade extracurriculares sobre a temática LGBTQIAPN+; relação entre os ciclos do curso, o preconceito, conhecimento sobre orientações e leituras específicas sobre a temática) e algumas frases predefinidas que sugeriam preconceitos comuns na área da saúde em relação às populações LGBTQIAPN+, a fim de identificar a concordância dos participantes acerca delas (por exemplo: "Pessoas trans deveriam usar banheiros apropriados ao seu gênero de nascimento", "Crianças devem brincar somente com brinquedos apropriados a seu gênero", "Abusos sexuais na infância podem provocar homossexualidade, tanto nos homens quanto nas mulheres", entre outras).

Análise Estatística

Após a coleta, foram organizados os questionários e realizada a tabulação dos dados no Microsoft Excel. Para as análises uni e bivariadas, foi utilizado o programa estatístico IBM SPSS® Statistics. Após a coleta, foram organizados os questionários e desenvolvidos bancos de dados. Os dados coletados nesta pesquisa foram referentes ao conhecimento acerca das populações LGBTQIAPN+, a abordagem da temática durante a graduação e as percepções acerca dos preconceitos vivenciados no ambiente acadêmico.

Inicialmente, realizou-se análise univariada por meio da estatística descritiva dos dados, apresentando a

Revista Brasileira de
Sexualidade Humana ISSN 2675-1194
DOI: https://doi.org/10.35919/rbsh.v36.1219

distribuição de frequências absoluta e relativa das variáveis. Em seguida, a análise bivariada foi realizada por meio do teste de Qui quadrado de Pearson, sendo considerado o nível de significância estatística o valor de $p < 0,05$. A análise bivariada foi realizada com o cruzamento das variáveis "orientação sexual" e as variáveis "presenciou situações de preconceito" e "tem interesse em atividades extracurriculares sobre a temática LGBTQIAPN+?". Também foi realizada análise entre as variáveis "ciclo do curso" e "presenciou situações de preconceito", "saberia orientar sobre a prática do sexo seguro?" e "já realizou alguma leitura por conta própria sobre as questões referentes à população LGBTQIAPN+?". Também foi realizada a análise bivariada com as demais variáveis descritivas do estudo, mas não se encontrou associação estatística significativa entre elas.

Aspectos Éticos

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) ou Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para alunos menores de 18 anos foi incluído como anexo no formulário. A pesquisa foi iniciada somente após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa do local pesquisado. Foram asseguradas as normas previstas na Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, que considera o respeito pela dignidade humana e a proteção aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos.

Resultados

Participaram desta pesquisa 154 discentes e 15 docentes. Quanto ao sexo, houve maioria de mulheres tanto no grupo de discentes (60,4%) quanto de docentes (66,7%). A faixa etária dos discentes mais frequente foi a de 21 a 30 anos (72,7%), enquanto entre os docentes a maioria tinha mais de 41 anos (61,0%). Em questão da renda familiar, a maioria declarou renda maior ou igual a dois salários mínimos (76,6% e 93,4%, respectivamente), em ambos grupos. Sobre a sexualidade, apenas no grupo dos discentes houve representações autodeclaradas de grupos LGBTQIAPN+ (Tabela 1).

Havia 45,5% (70) de alunos cursando o ciclo básico, 41,5% (64) no ciclo clínico e 13,0% (20) matriculados no internato. Sobre o nível de formação dos docentes, 6,7% (01) possuíam somente a graduação, 33,3% (05) possuíam especialização e/ou residência, 26,7% (04) possuíam mestrado e cinco 33,3% (05) doutorado.

Tabela 1 - Descrição sociodemográfica da amostra da pesquisa

Variáveis	Discentes		Docentes	
	n = 154	%	n = 15	%
Sexo				
Masculino	61	39,6	5	33,3
Feminino	93	60,4	10	66,7
Identidade de gênero				
Cisgênero	153	99,3	15	100
Pessoas trans	1	0,7	-	-
Faixa etária				
16 a 20 anos	31	20,1	1	6,7
21 a 30 anos	112	72,7	1	6,7
31 a 40 anos	10	6,5	1	6,7
41 a 50 anos	1	0,7	9	60,0
51 a 60 anos	-	-	2	13,2
61 anos ou mais	-	-	1	6,7
Renda Familiar				
< 1 salário mínimo	2	1,3	-	-
Entre 1 e 2 salários mínimos	34	22,1	1	6,7
> 2 salários mínimos	118	76,6	14	93,4

Situação conjugal				
Solteiro	69	44,8	2	13,3
Namorando	78	50,6	1	6,7
Casado/ União Estável	7	4,5	12	80,0
Orientação sexual				
Heterossexual	114	74	15	100
Gay	12	7,8	-	-
Lésbica	3	1,9	-	-
Bissexual	25	16,2	-	-

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Destaca-se que a maioria dos discentes (87,0%) e docentes (66,7%) identificaram de maneira adequada a homossexualidade como uma orientação sexual. Apesar disso, um dos docentes identificou a homossexualidade como um transtorno de personalidade. Sobre o conhecimento em relação à diferença entre os termos "gênero" e "orientação sexual", a maioria dos discentes (64,9%) afirmaram entendê-lo, em contraponto ao observado nos docentes, cuja maioria afirmou não saber a diferença desses conceitos (57,0%) (Tabela 2).

Sobre o ensino específico baseado na população LGBTQIAPN+ no curso de Medicina, a maioria dos participantes discentes (95,5%) e docentes (73,3%) acreditavam que teriam uma consequência positiva (Tabela 2).

Tabela 2 - Conhecimento de discentes e docentes sobre questões referentes à população LGBTQIAPN+

Variáveis	Discentes		Docentes	
	N = 154	%	n = 15	%
Para você, o que é homossexualidade?				
Orientação sexual	134	87,0	10	66,7
Identidade de gênero	20	13,0	4	26,7
Transtorno de personalidade	-	-	1	6,6
Você sabe a diferença entre gênero e orientação sexual?				
Sim	100	64,9	7	47,0
Não/ Talvez	54	34,1	8	53,0
Em uma escala de 0 (pouco) a 5 (muito), o quanto você acha relevante o curso de Medicina trabalhar a temática sobre saúde LGBTQIAPN+?				
Entre 0 e 2	8	5,2	2	13,7
Entre 3 e 5	146	94,8	13	87,7
Em uma escala de 0 (pouco) a 5 (muito), o quanto você acredita estar preparado para lidar com populações LGBTQIAPN+?				
Entre 0 e 2	50	32,5	11	73,3
Entre 3 e 5	104	67,5	4	27,7
O ensino baseado em populações LGBTQIAPN+ traz alguma consequência para a prática médica?				
Sim, sendo essa consequência muito positiva ao profissional para saber lidar com as diversas populações	147	95,5	11	73,3
Sim, porém, há consequências negativas ao profissional	5	3,2	1	6,7
Não, não traz nenhuma consequência, nem positiva ou negativa	2	1,3	3	20,0

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

A maior parte dos discentes da pesquisa relatam não terem lido materiais sobre a população LGBTQIAPN+ por exigência de alguma disciplina (78,6%). Para os discentes que já leram algum material sobre a população LGBTQIAPN+ em alguma disciplina na graduação (21,4%), 82,9% utilizaram artigos, 14,3% utilizaram matéria de jornal ou revista e 2,9% utilizaram normas ou diretrizes. Sobre a abordagem da temática de sexualidade e gênero na graduação, a maioria dos discentes relataram não ter acontecido (78,6%). Para os que informaram que a temática foi abordada, questionou-se quais foram as disciplinas da graduação. As disciplinas mais representadas foram aquelas pertencentes ao eixo de Saúde Coletiva, como Epidemiologia,

Revista Brasileira de
Sexualidade Humana ISSN 2675-1194
DOI: https://doi.org/10.35919/rbsh.v36.1219

Vivência em Comunidade e Medicina Preventiva. Já para os que informaram nunca ter visto sobre a temática na graduação, 92,5% gostariam de cursar algo dentro do tema e 7,5% não gostariam de cursar (Tabela 3).

Em relação aos docentes, referiram não possuir conhecimentos suficientes para orientar a população LGBTQIAPN+ (60,0%) e nunca leram um material sobre a temática por conta própria (80,0%). Apesar disso, os docentes apresentaram interesse em realizar alguma atividade sobre sexualidade e gênero (53,3%), sendo que a maioria deles não abordou esse assunto na sala de aula (73,0%) e não tiveram nenhum momento de capacitação sobre a temática em sua vida acadêmica (93,0%) (Tabela 3) Por fim, sobre a orientação de seus alunos em relação à prática de sexo seguro para pessoas LGBTQIAPN+, nenhum docente demonstrou realizar esse tipo de atividade (Tabela 3).

Tabela 3 - Abordagem da temática das populações LGBTQIAPN+ durante a graduação

Variáveis Discentes	n = 154	%
Você já cursou alguma disciplina que abordou a temática de gênero ou orientação sexual durante a graduação?		
Sim, orientação sexual e gênero	20	13,0
Sim, somente orientação sexual	9	5,8
Sim, somente gênero	5	3,2
Não	121	78,6
Você já participou de alguma atividade extracurricular ou semelhante que aborde a temática de gênero e orientação sexual?		
Sim	75	48,7
Não	73	47,4
Não lembro	6	3,9
Na sua opinião, qual o motivo de o assunto de gênero, sexualidade e saúde LGBTQIAPN+ ser pouco abordado em salas de aula		
Por falta de interesse dos docentes	112	72,7
Por falta de materiais oficiais de apoio para se basear	68	44,2
Devido à pouca pesquisa na área	80	51,9
Pois o assunto já é abordado o suficiente em sala de aula	3	1,9
Variáveis **Docentes**	**N = 15**	**%**
Você, como profissional da saúde, saberia orientar a prática segura de sexo para pacientes LGBTQIAPN+?		
Não possuíam conhecimentos suficientes para orientar essa população	9	60,0
Somente para homens que fazem sexo com homens ou somente para mulheres que fazem sexo com mulheres	6	40,0
Você já leu algum material sobre gênero e/ou sexualidade por conta própria?		
Não, nunca li nenhum material sobre essas temáticas	12	80,0
Afirmou já ter consumido este tipo de material	3	20,0
Se pudesse, você evitaria atender pessoas que se identificam como pertencentes ao grupo LGBTQIAPN+?		
Discordo totalmente	13	86,7
Discordo parcialmente	1	6,7
Nem discordo nem concordo	1	6,7

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Em relação a algumas frases de preconceito ao público LGBTQIAPN+, houve predomínio entre os discursos dos docentes participantes, descritas a seguir. Em ordem de grau de concordância, as frases que mais se repetiram foram as seguintes: "Pessoas trans deveriam usar banheiros apropriados ao seu gênero de nascimento" (40,0%), "Crianças devem brincar somente com brinquedos apropriados a seu gênero" (26,7%), "Abusos sexuais na infância podem provocar homossexualidade, tanto de homens quanto mulheres" (20,0%), "Sexo entre dois homens é errado (6,7%), "Sexo entre duas mulheres é errado" (6,7%), "Travestis deveriam usar seu nome de nascimento" (6,7%) e "As mulheres mais masculinas me deixam desconfortável" (6,7%).

Observou-se associação entre discentes não heterossexuais e presenciar momentos de preconceito

DOI: https://doi.org/10.35919/rbsh.v36.1219

durante a graduação (p<0,001) e maior interesse em atividades extracurriculares sobre a temática LGBTQIAPN+ (p=0,001) (Tabela 4).

Tabela 4 - Relação da orientação sexual com presenciar preconceito e com interesse em participar de atividades extracurriculares sobre a temática LGBTQIAPN

Variáveis	Orientação sexual				χ^2	p valor
	Heterossexuais		Não heterossexuais			
	n	%	N	%		
Presenciou situações de preconceito?						
Sim	46	40,4	34	85,0	22,648	<0,001
Não/não lembro	68	59,6	06	15,0		
Total	114	100	40	100		
Tem interesse em atividades extracurriculares sobre a temática LGBTQIAPN+?						
Sim	76	66,7	38	92,5	10,115	0,001
Não	38	33,3	03	7,5		
Total	114	100	40	100		

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Ainda, percebe-se associação dos alunos do ciclo clínico com vivenciar algum tipo de preconceito contra a população LGBTQIAPN+ durante as atividades acadêmicas de saúde (Tabela 5).

Tabela 5 - Relação entre os ciclos do curso, o preconceito, o conhecimento sobre orientações e leituras específicas sobre a temática

Variáveis	Ciclos						χ^2	p valor
	Básico		Clínico		Internato			
	n	%	n	%	n	%		
Presenciou algum tipo de preconceito durante a graduação?								
Sim	28	40,0	37	57,8	15	75,0	9,143	0,010
Não/ Não lembro	42	60,0	27	42,2	05	25,0		
Total	70	100	64	100	20	100		
Saberia orientar sobre a prática de sexo seguro								
Sim	43	61,4	50	78,1	17	85,0	6,641	0,036
Não	27	38,6	14	21,9	13	15,0		
Total	70	100	64	100	20	100		
Já realizou alguma leitura por conta própria sobre as questões referentes à população LGBTQIAPN+?								
Sim	34	48,6	49	76,6	14	70,0	11,721	0,003
Não	36	51,4	15	23,4	06	30,0		
Total	70	100	64	100	20	100		

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Discussão

Nesta pesquisa foi observado um baixo entendimento sobre alguns aspectos relacionados às pessoas LGBTQIAPN+. O profissional médico que não se insere nesse meio pode apresentar problemas de conduta relacionados a aspectos éticos e não compreender as demandas de cuidados específicos, ferindo inclusive a integralidade do SUS. Com isso, essa mesma cultura de desconhecimento de corpos LGBTQIAPN+ será levada adiante para os novos profissionais de saúde que se formam (Dornelas *et al.*, 2021).

O conhecimento acerca dos conceitos referentes à população LGBTQIAPN+ podem estar diretamente relacionados às atitudes prestadas na assistência à saúde desta população (Ardman *et al.*, 2020). Diante disso, reforça-se a importância dos estudantes de medicina entenderem e serem submetidos a uma formação acerca dos conceitos básicos que permeiam a vivência das pessoas LGBTQIAPN+, para que haja a prestação de uma assistência qualificada para esse público (Wahlen *et al.*, 2020).

Nota-se que a abordagem no curso, segundo os participantes dessa pesquisa, ainda é muito tímida,

Revista Brasileira de
Sexualidade Humana ISSN 2675-1194
DOI: https://doi.org/10.35919/rbsh.v36.1219

sendo figurada por uma pequena parcela de disciplinas. As Diretrizes Curriculares Nacionais para cursos de medicina visam à abordagem de gênero e sexualidade, porém, ainda há uma lacuna na discussão desses assuntos nos cursos médicos brasileiros, com abordagem não padronizada e fragmentada (Raimondi *et al.*, 2020). A realização de atividade prático-teórica sobre a temática, tem o potencial de sensibilizar, mostrando a necessidade de ampliação de debates para períodos anteriores ao internato, sugerindo ainda introduzir esse conteúdo como uma disciplina regular no ciclo clínico (Loria *et al.*, 2019) .

Além disso, a falta de compreensão dos docentes participantes acerca de alguns aspectos sobre a temática pode ser um influenciador importante para a ausência de abordagem em suas aulas. Há um impacto positivo da abordagem do tema em discentes de medicina, por meio de intervenção como metodologia de ensino, mostrando que é uma ferramenta importante para formação desses futuros profissionais (Salkind *et al.*, 2019). Ainda existe o cenário onde as instituições de ensino médico não disponibilizam nenhuma disciplina com conteúdo sobre a saúde LGBTQIAPN+ na sua formação acadêmica (Negreiros *et al.*, 2019). Assim, nota-se uma geração médica marcada pelo desconhecimento que, por sua vez, passa isso para as gerações futuras, culminando em um ciclo no qual a saúde LGBTQIAPN+ é estigmatizada e nunca abordada em salas de aula e discussões clínicas.

As barreiras de aprendizado são ainda maiores quando o enfoque é a saúde das pessoas trans. Há uma falta ainda maior de competência específica do tópico entre os docentes e menor apoio institucional e de recursos educacionais para esse fim (Obedin-Maliver *et al.*, 2011). Análises mais atuais na educação médica destacam a necessidade de reformar o ensino baseado em competências e com o uso de casos clínicos baseados na prática e orientação médica, envolvendo o binômio professor-aluno em discussões e sessões de treinamento. Um estudo reafirmou que discentes de medicina podem obter o conhecimento, condutas e habilidades necessárias para atendimento inclusivo LGBTQIAPN+, por meio de melhorias nos métodos de ensino (Yang, 2021).

A falta de orientação sobre conhecimentos básicos de conduta para a população LGBTQIAPN+, encontrada neste estudo, pode refletir diretamente na formação desses futuros profissionais. Uma análise com residentes de um programa de medicina de emergência mostrou que 8,8% achavam desafiador coletar uma história clínica e 2,5% poderiam ter dificuldade para realizar exame físico em lésbicas, *gays* ou bissexuais. Já para pessoas trans, 24,7% achavam desafiador coletar a história clínica e o exame físico, 31,6% teriam receio de dificuldades. Nessa mesma publicação, acerca do conforto e cuidado LGBTQIAPN+, 18,2% responderam que se sentiam muito confortáveis em atender as necessidades desses pacientes e 8,8% se sentiriam muito desconfortáveis ou desconfortáveis. Ainda, 83,6% dos residentes concordavam totalmente em trabalhar ao lado de médicos LGBTQIAPN+ (Moll *et al.*, 2019).

Esse fato está em consonância com um estudo dirigido na Universidade do Taiwan, onde poucos discentes de medicina relatam ter algum tipo de treinamento relevante nas fases pré-clínica e clínica da graduação sobre a temática. Ainda, foi explorado o fato de que alguns docentes até expressam abertamente aos alunos hostilidades em relação à indivíduos LGBTQIAPN+ e alguns alunos relatam ter preconceitos e estereótipos inconscientemente como parte de seu conhecimento ou curso médico, principalmente em relação a Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) (Lu *et al.*, 2022).

Entre os discentes da pesquisa houve baixa frequência de frases com teor preconceituoso, ao se comparar com o quantitativo relativo de docentes participantes. A percepção do preconceito pode partir do próprio cerne da questão, em que o indivíduo se pergunta o que é preconceito. Indivíduos pertencentes às populações cis-heterossexuais podem "perceber" o preconceito apenas no que diz respeito à agressão física ou verbal dirigida pelo interlocutor, na clara intenção de insultar a quem se refere, descartando outras formas de agressão ou preconceito, seja ele velado ou não (Moretti-Pires *et al.*, 2019; Villela; Koehler, 2017). Também houve discriminação nas falas, associando essa população diretamente com IST e propagando um discurso extremamente transfóbico, entre os docentes entrevistados neste estudo. Tais condutas preconceituosas foram maiores para médicos mais velhos, associando isso à cultura conservadora marcante nessas gerações (Negreiros *et al.*, 2019).

As dificuldades vivenciadas pelo grupo LGBTQIAPN+ se traduzem, muitas vezes, na intimidação, práticas (des)humanizadas e antiéticas por parte dos profissionais de saúde, além do despreparo dos profissionais no atendimento às especificidades dessas pessoas. Isso faz com que muitos pacientes omitam sua

orientação sexual ou identidade de gênero ao buscar ajuda dos profissionais de saúde, bem como evitam realizar o acompanhamento em serviços de saúde devido ao medo de sofrerem preconceito e de enfrentarem obstáculos no atendimento. Visto isso, os profissionais de saúde devem identificar e compreender os fatores que interferem no processo saúde-doença LGBTQIAPN+ e ter acesso a materiais que traduzam informação e conhecimentos desse público (Santana *et al.*, 2020).

Diante desses achados relacionados a uma visão dita preconceituosa sobre a população LGBTQIAPN+, cabe a discussão do papel do "currículo oculto", sendo consideradas todas as experiências, atividades e estímulos que os discentes receberam durante a graduação, mas que não foram previstos ou obrigatórios, como exemplo, participação em eventos, projetos de extensão e demais atividades extracurriculares (Moretti-Pires *et al.*, 2019).

Por fim, é necessário entender que, dentre os problemas enfrentados pelas pessoas LGBTQIAPN+, há estigma, discriminação, falta de apoio social e recursos médicos insuficientes, fatores que aumentam a vulnerabilidade. O discurso de saúde sexual cis-heterossexual afasta a equipe médica, que pode não entender completamente os problemas de saúde sexual dessas pessoas. Assim, melhorar a educação médica e incorporar questões de saúde LGBTQIAPN+ na educação e treinamento médico são necessários para promover a equidade em saúde (Yang, 2021).

Dentre as limitações do estudo, é importante citar a baixa adesão dos alunos e principalmente dos docentes. A aceitação da pesquisa também é menor para alunos no ciclo do internato, haja vista que é um período de maior atividade dos alunos em campo de prática em saúde e menor vínculo com a faculdade em si. Ainda, o cenário imposto pela pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2) ofereceu desafios e impôs reajustes no cronograma inicialmente proposto pela pesquisa. Essas limitações fazem com que os achados deste estudo, diante do evidente viés de não resposta da maior parte da amostra, principalmente de professores, levem a uma maior dificuldade de generalização dos dados para outras realidades.

Apesar dessas limitações, o estudo conseguiu dar um pontapé inicial para a investigação mais aprofundada da temática em uma realidade sociocultural específica, que é o caso das escolas médicas do interior do Nordeste brasileiro.

Conclusão

Neste estudo foi possível identificar que as percepções dos discentes e docentes de medicina acerca da população LGBTQIAPN+ mostram a necessidade de ampliar o debate acerca da temática, visando à melhoria do processo formativo de futuros profissionais da área.

Notou-se o baixo contato com a temática em sala de aula e a necessidade de atividades extracurriculares para que os alunos cubram essa lacuna em seu processo formativo. Ainda, foi visto que, com o avançar do curso, há mais contato com a população LGBTQIAPN+ e maior exposição ao preconceito também, tendo em vista o somatório de vivências durante todo esse período. Os alunos também possuem dificuldades como orientar sobre sexo seguro nas populações LGBTQIAPN+ e utilizar a terminologia correta. Tanto alunos quanto docentes reafirmaram dificuldades em lidar com demandas LGBTQIAPN+, e ambos acham relevante que o curso médico trabalhe esse eixo temático.

A abordagem da saúde LGBTQIAPN+ na graduação médica e os diversos desafios ainda presentes nessa pauta de inclusão são de grande relevância. Desse modo, urge a necessidade de sensibilizar as universidades em busca de um currículo que agregue minorias sexuais e de gênero em seus projetos pedagógicos para que os alunos tenham mais contato e criem habilidades necessárias. Além disso, é importante ressaltar que a maioria dos docentes não possui formação complementar ou conhecimentos em saúde da população LGBTQIAPN+, devendo existir incentivo para que isso aconteça e possam se beneficiar desses conhecimentos e passar a aplicá-los no dia a dia. Assim, futuros profissionais mais humanos e capacitados serão capazes de quebrar o ciclo que perpetua esse preconceito médico.

Revista Brasileira de
Sexualidade Humana ISSN 2675-1194
DOI: https://doi.org/10.35919/rbsh.v36.1219

Referências

ARDMAN, E *et al.* Attitudes and Knowledge of Medical Students in Hanoi regarding Lesbian and Gay People, *Journal of Homosexexuality*., v. 68, n. 14, p. 2359-2374, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1080/00918369.2020.1804257. Acesso em: 31 ago. 2024.

BARBOSA, M. G. *et al.* A População Transgênero sob o Olhar da Bioética: Um Panorama dos Currículos de Graduação e dos Cursos de Bioética das Escolas Médicas do Estado de São Paulo. *Revista Brasileira de Educação Médica*., v. 44, n. 3, p. e100, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.3-20190255. Acesso em: 31 ago. 2024.

DORNELAS, R. *et al.* A universidade e a formação de profissionais da saúde: conhecimento de discentes e docentes sobre a transexualidade. *Gênero*, v. 22, n. 1, p. 1-12, 2021. Disponível em: https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/49957/30726. Acesso em: 31 ago. 2024.

DUBIN, S. N. *et al.* Transgender health care: improving medical students' and residents' training and awareness. *Advances in Medical Education and Practice*, v. 9, p. 377-391, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.2147%2FAMEP.S147183. Acesso em: 31 ago. 2024.

HOJAT, M. *et al.* The Devil is in the Third Year: A Longitudinal Study of Erosion of Empathy in Medical School. *Academic Medicine,* v. 84, n. 9, p. 1182-1191, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1097/acm.0b013e3181b17e55. Acesso em: 31 ago. 2024.

LORIA, G. B. *et al.* Saúde da população LGBT+ no contexto da atenção primária em saúde: relato de oficina realizada no internato integrado de Medicina de Família e Comunidade/Saúde Mental em uma universidade pública. *Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade,* v. 14, n. 41, p. 1807, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.5712/rbmfc14(41)1807. Acesso em: 31 ago. 2024.

LU, P. Y. *et al.* Medical students' perceptions of their preparedness to care for LGBT patients in Taiwan: Is medical education keeping up with social progress? *PLoS One*, v. 17, n. 7, p. e0270862, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1371/journal.pone.0270862. Acesso em: 31 ago. 2024.

MOLL, J. *et al.* Attitudes, Behavior, and Comfort of Emergency Medicine Residents in Caring for LGBT Patients: What Do We Know? *AEM Education and Training*, v. 3, p. 129-135, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1002/aet2.10318. Acesso em: 31 ago. 2024.

MORETTI-PIRES, R. O. *et al.* Preconceito contra Gênero e Diversidade Sexual entre Discentes de Medicina do 1° ao 8° semestre de um Curso de Medicina do Sul do Brasil. *Revista Brasileira de Educação Médica.*, v. 43, n. 1, p. 557-567, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1981-5271v43suplemento1-20190076. Acesso em: 31 ago. 2024.

NEGREIROS, F. R. N. *et al.* Saúde de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais: da Formação Médica à Atuação Profissional. Revista Brasileira de Educação Médica, v. 43, n. 1, p. 23-31, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1981-52712015v43n1RB20180075. Acesso em: 31 ago. 2024.

OBEDIN-MALIVER, J. *et al.* Lesbian, gay, bisexual, and transgender-related content in undergraduate medical education. *JAMA*, v. 306, n. 9, p. 971-977, 2011. Disponível em: https://doi.org/10.1001/jama.2011.1255. Acesso em: 31 ago. 2024.

RAIMONDI, G. A. *et al.* Gender and Sexuality in the Federal Medical Schools in Brazil: an Analysis of the Curricular Pedagogical Projects. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 44, n. 2, p. e045, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.2-20190050.ING. Acesso em: 31 ago. 2024.

SALKIND, J. *et al.* LGBT+ Health Teaching within the Undergraduate Medical Curriculum. *International Journal of Environmental Research and Public Health,* v. 16, n. 13, p. 2305, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.3390/ijerph16132305. Acesso em: 31 ago. 2024.

SANTANA, A. D. S. *et al.* Dificuldades no acesso aos serviços de saúde por lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros. *Revista de Enfermagem da UFPE On Line,* v. 14, p. e243211, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.5205/1981-8963.2020.243211. Acesso em: 31 ago. 2024.

SOUSA JÚNIOR, C. A. A.; MENDES, D. C. Políticas públicas para a população LGBT: uma revisão de estudos sobre o tema. *Cadernos EBAPEBR*, v. 19, n. spe, p. 642-655, 2021. Disponível em:

http://dx.doi.org/10.1590/1679-39512020011 6. Acesso em: 31 ago. 2024.

TEIXEIRA-FILHO, F. S. *et al.* Reflexões sobre homofobia e educação em escolas do interior paulista. Educação e Pesquisa, v. 37, n. 4, p. 725-741, 2011. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1517-97022011000400004. Acesso em: 31 ago. 2024.

VILLELA, J. S.; KOEHLER, S. M. F. *Homofobia e educação:* um estudo sobre a percepção do preconceito numa população de discentes de ensino superior. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11 & 13TH WOMEN'S WORLDS CONGRESS, Anais [...], Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1518093195_ARQUIVO_HomofobiaeEducacaoTEXTOCOMPLETO.pdf. Acesso em: 31 ago. 2024.

WAHLEN, R. *et al.* Medical students' knowledge of and attitudes towards LGBT people and their health care needs: Impact of a lecture on LGBT health. *PLoS ONE*, v. 15, n. 7, p. e0234743, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1371/journal.pone.0234743. Acesso em: 31 ago. 2024.

YANG, H. C. Teaching LGBT+ Health and Gender Education to Future Doctors: Implementation of Case-Based Teaching. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 18, n. 16, p. 8429, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.3390/ijerph18168429. Acesso em: 31 ago. 2024.

Recebido em: 23/08/2024
Aprovado em: 07/12/2024